



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A PARTICIPAÇÃO MULTIPROFISSIONAL NO CONTEXTO ESCOLAR DA CRIANÇA COM PARALISIA CEREBRAL

Ramon Evangelista dos Anjos Paiva; Amanda Setúbal da Silveira.

Faculdades Integradas de Patos - ramon.paiva@ifrn.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A Paralisia Cerebral (PC) envolve um grupo de desordens no desenvolvimento do movimento e da postura, em decorrência de lesões não progressivas que ocorrem na fase de maturação estrutural e funcional do cérebro (SILVA; MARTINEZ; SANTOS, 2012). Inexistem estudos no país sobre a incidência dessa patologia, estimando-se que ocorram entre 30.000 e 40.000 novos casos por ano (TORRES; SARINHO; FELICIANO; KOVACS, 2011). Sua etiologia é multifatorial e geralmente não estabelecida, devido à dificuldade de precisar a causa e o momento exato da lesão cerebral, podendo decorrer tanto em virtude de fatores endógenos quanto de fatores exógenos (COSTA, 2010; ROTTA, 2002).

Associada à disfunção motora, a paralisia cerebral pode ocasionar demais alterações como: anomalias sensoriais visuais e auditivas, cognitivas, sensitivas, corticais, de atenção, de vigilância, comportamentais e epilepsias que certamente irão influenciar de forma negativa tanto na aquisição de conhecimentos, quanto na habilidade de expressar pensamentos por meio de atos motores. Dessa forma, torna-se evidente a repercussão das limitações decorrentes da patologia no cotidiano do indivíduo, destacando-se o contexto escolar (BRASILEIRO, 2009).

Outro aspecto relevante a ser considerado é a dinâmica familiar, uma vez que o desconforto e o isolamento social do indivíduo e de seu núcleo familiar impactam negativamente na sua evolução clínica (BUSSOTTI; PEDREIRA, 2013). Cuidar da criança com paralisia cerebral é uma experiência difícil para a família, pois a patologia apresenta um prognóstico reservado e, dependendo do tipo e gravidade da lesão, uma baixa qualidade e expectativa de vida, por isso é imprescindível fornecer aos pais uma maior compreensão quanto à patologia de forma a favorecer o desenvolvimento de seu filho (DANTAS et al., 2010; ALPINO et al., 2013).

Portanto, o objetivo desse estudo foi realizar uma revisão de literatura científica disponível para verificar a participação multiprofissional no contexto escolar da criança com paralisia cerebral, assim como registrar as consequências físicas da patologia, identificar os fatores facilitadores e as barreiras no desenvolvimento escolar destas crianças, relatar a participação da família na inclusão social delas e enfatizar a importância da equipe multiprofissional no contexto escolar e familiar.

2 METODOLOGIA

Este trabalho consiste em uma revisão de literatura, sendo pesquisados artigos de periódicos indexados nas seguintes bases de dados científicos na Biblioteca Virtual em Saúde: *Scientific Electronic Libray Online* e Literatura Científica e Técnica da América Latina e Caribe. Esta busca priorizou estudos publicados sobre a inclusão de crianças com paralisia cerebral, englobando o tratamento multidisciplinar com o uso de tecnologia assistiva e a participação de profissionais da saúde e da educação. A busca pelo referencial teórico teve como descritores: Paralisia Cerebral, tecnologia assistiva, inclusão escolar, tratamento multidisciplinar e Paralisia Cerebral, família no cuidado da criança com Paralisia Cerebral.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Foram excluídos da revisão os artigos que não se enquadravam no tema, bem como os artigos pagos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 PARALISIA CEREBRAL NA ESCOLA – DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO ESCOLAR

A escola é um veículo de transferência e criação cultural, além de representar uma área de construção de cidadania, apresentando-se desta forma, como um dos espaços de maior potencial para a produção de inclusão/exclusão escolar. Vista como primeiro ambiente fora do âmbito familiar, esta recebe e coloca o futuro adulto na esfera das relações sociais; por este motivo, possui importância nas primeiras experiências vividas pela criança no seu interior que serão decisivas para a construção do modo desse indivíduo se colocar no mundo, nas relações com o outro e frente ao conhecimento e ao ato criativo (CARDOSO, 2009; JURDI, 2004).

Sendo assim, a escola exerce uma importante função social, representando um dos principais ambientes onde as crianças interagem com seus pares. De forma a favorecer a interação social, é necessário que os professores estruturam situações que estimulem a cooperação entre os alunos, criando um adequado ambiente interacional e educativo. Essa aprendizagem cooperativa é uma importante ferramenta no desenvolvimento da criança com paralisia cerebral, utilizando o meio lúdico para favorecer sua iniciativa, autonomia e autoconfiança. A adaptação dos recursos pedagógicos às necessidades do aluno é fundamental para garantir a interação social, possibilitando a participação do aluno com deficiência (PASCULLI; BALEOTTI; OMOTE, 2012). É preciso, dessa forma, oferecer às crianças com limitações, possibilidades de intervenção que permitam o aprimoramento de suas potencialidades (RIBEIRO; BARBOSA; PORTO, 2011). A escolha dos recursos lúdicos, as formas de utilização, as possibilidades de adaptação do recurso devem ser ofertadas para suprir as reais necessidades da criança, a fim de dar condições e apoio por meio de uma boa estrutura, tanto material quanto pedagógica e metodológica (GONÇALVES; BRACCIALLI; CARVALHO, 2013).

Diante disso, para a realização de um trabalho eficaz com estes alunos, torna-se imprescindível conhecer suas reais necessidades e habilidades, bem como conhecer o meio e as possibilidades de ajustes e implementações de recursos e estratégias condizentes, que determinarão um desempenho positivo para a aprendizagem (GONÇALVES; BRACCIALLI; CARVALHO, 2013).

Para que o indivíduo com deficiência física possa ter acesso ao conhecimento escolar e interação com o ambiente, faz-se necessário criar as condições adequadas à sua locomoção, comunicação, conforto e segurança, a fim de proporcionar ao aluno um atendimento especializado capaz de melhorar a sua comunicação e a sua mobilidade (SCHIRMER et al.; 2007). Nesse sentido, o uso dos recursos de acessibilidade de tecnologia assistiva, assim denominados os recursos utilizados com a finalidade de proporcionar maior independência e autonomia à pessoa com deficiência, torna-se um pré-requisito fundamental e necessário no ensino de crianças com paralisia cerebral (OLIVEIRA; ASSIS; GAROTTI, 2014).

Perceber as habilidades dos alunos com paralisia cerebral auxilia no direcionamento das ações de confecção de recursos de tecnologia assistiva de forma a ampliar a participação dos alunos nas tarefas propostas e reduzir as condutas inadequadas (ROCHA; DELIBERATO, 2012). Em função das diversas alterações que o aluno com paralisia cerebral pode apresentar, como alterações sensoriais, perceptuais, motoras, de linguagem e cognitivas, os materiais devem possuir características específicas e serem atraentes para possibilitar um uso funcional (ROCHA; DELIBERATO, 2012).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A literatura ressalta ainda a importância de se reconhecer e incentivar meios não usuais de comunicação, quando a criança com paralisia cerebral não possui fala dita “funcional”, no intuito de viabilizar o processo ensino-aprendizagem. Nesse contexto, destaca-se a comunicação alternativa, consistindo em recursos alternativos de comunicação principalmente de natureza gráfico-visual, favorecendo a integração e inclusão dos alunos com paralisia cerebral (CARNEVALE; BERBERIAN; MORAES; KRUGER, 2013). Os recursos de comunicação alternativa podem ser facilitadores no processo de aprendizagem significativa além de propiciar caminhos para a aquisição da leitura e da escrita (ROCHA; DELIBERATO, 2012). Torna-se necessária uma maior interação entre profissionais da educação e da saúde, de forma a auxiliar o desenvolvimento e aplicação desses recursos alternativos (CARNEVALE; BERBERIAN; MORAES; KRUGER, 2013). Assim, é evidente que a formação continuada do professor representa um elemento fundamental para o estabelecimento de interações diante de alunos com deficiência, visando ampliar as possibilidades comunicativas e de aprendizagem (SILVA et al, 2013).

O serviço de tecnologia assistiva na escola é aquele que busca resolver os problemas funcionais do aluno no espaço escolar, encontrando alternativas para que ele participe e atue positivamente nas várias atividades neste contexto. Fazer uso da mesma na escola é buscar com criatividade uma alternativa para que o aluno realize o que deseja ou precisa; encontrar uma estratégia para que ele possa realizar as atividades de outra maneira; valorizar o seu jeito de fazer e aumentar suas capacidades de ação e interação a partir de suas habilidades; conhecer e criar novas alternativas para a comunicação, escrita, mobilidade, leitura, brincadeiras, artes, utilização de materiais escolares e pedagógicos; exploração e produção de temas através do computador; envolver o aluno ativamente, desafiando-se a experimentar e conhecer, permitindo que construa individualmente e coletivamente novos conhecimentos; retirando do aluno o papel de expectador e atribuindo-lhe a função de ator (SCHIRMER et al.; 2007).

A educação inclusiva envolve a participação da família e da comunidade, que podem contribuir para fortalecer e multiplicar as ações inclusivas; por isso, faz-se necessário a interação adequada entre professor-aluno-família, para uma maior socialização e melhor ensino-aprendizagem (GIL; 2005).

3.2 TRATAMENTO MULTIDISCIPLINAR DA PARALISIA CEREBRAL

A criança com paralisia cerebral, ao receber alta hospitalar, deverá ser encaminhada para um serviço de estimulação precoce, a fim de iniciar um tratamento imediato, com o intuito de atingir o alcance máximo das suas potencialidades, independente de suas necessidades especiais; sendo seu melhor tratamento a prevenção, pois é de conhecimento que quanto mais precocemente se age no sentido de proteger ou estimular o sistema nervoso central, melhor será a sua resposta; podendo ser diminuído, consideravelmente, o déficit de desenvolvimento. Sendo assim, a capacidade de poder ser da criança com paralisia cerebral está diretamente relacionada ao que lhe é possibilitado (MILBRATH; SIQUEIRA; MOTTA; AMESTOSY, 2012; ROTTA, 2002).

Diante da heterogeneidade de sinais e sintomas observados em pacientes com paralisia cerebral, estes devem ser tratados por uma equipe multidisciplinar ao longo da vida, na qual o enfoque terapêutico principal é o fisioterapêutico (REZIO; CUNHA; FORMIGA, 2012, TORRES; SARINHO; FELICIANO; KOVACS, 2011, ROTTA, 2002). Muitas vezes, a criança com paralisia cerebral necessita de atendimento fonoaudiológico, neuropedagógico, psicológico, terapêutico ocupacional, oftalmológico, ortopédico e, sem dúvida alguma, necessidade de importante suporte pediátrico com sua terapia medicamentosa (ROTTA, 2002).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

As especificidades das crianças com paralisia cerebral indicam aos profissionais da educação e da saúde a necessidade de organizar um trabalho em equipe para proporcionar e viabilizar aprendizagem e oportunidades reais e significativas nos diferentes contextos naturais, como no caso do ambiente escolar e familiar (SAMESHIMA; DELIBERATO, 2009). A parceria entre esses profissionais é fundamental no intuito de viabilizar o processo de escolarização da criança com paralisia cerebral, sendo responsável pela interação, contato, envolvimento e principalmente pela mediação no processo de aprendizagem significativa da criança na escola (PASCULLI; BALEOTTI; OMOTE, 2012; ROCHA; DELIBERATO, 2012).

Nesse contexto, a participação de terapeutas ocupacionais e neuropedagogos destacam-se ao possibilitar a readequação do ambiente escolar no intuito de realizar adaptações individuais, físicas e dos materiais utilizados, procurando sempre a melhor maneira de a criança responder aos desafios inerentes ao contexto educacional, bem como enfatizando as suas habilidades, favorecendo a sua participação e autonomia. Assim, faz-se necessário o auxílio à equipe pedagógica na adaptação das atividades escolares e dos recursos utilizados para a realização das mesmas, concretizando a educação inclusiva (PASCULLI; BALEOTTI; OMOTE, 2012), visto que as atividades oferecidas às crianças têm papel fundamental no desenvolvimento de habilidades psicomotoras, perceptocognitivas e da autonomia (IDE; YAMAMOTO; SILVA; 2011).

Faz-se necessário que o profissional da reabilitação conheça as características dos diversos ambientes (casa, escola e comunidade) de forma a identificar e modificar, quando necessário, os aspectos que funcionam como barreiras ou facilitadores ao desempenho funcional da criança (GUERZONI et al, 2008). O olhar ao paciente deve ser ampliado com uma perspectiva de seu global sempre procurando ouvir suas intenções e proporcionando possibilidades de maior participação social (BORTAGARAI; RAMOS, 2013).

O prognóstico de uma criança com paralisia cerebral depende também do conhecimento, por parte do profissional, de que não só a criança, mas também a família está doente, e é preciso ouvi-la e orientá-la. O atendimento focado na relação mãe-filho, familiares, escola e comunidade é a única forma de se atuar de maneira completa nos casos de paralisia cerebral (ROTTA, 2002). Tal prognóstico depende ainda do grau de dificuldade motora, além da intensidade de retrações e deformidades esqueléticas e de um tratamento de reabilitação precoce e de qualidade (FLÔR; CARDOSO, 2008).

Após cada profissional realizar a avaliação da sua área, são traçados os objetivos de tratamento mais adequados de acordo com a necessidade de cada paciente. Sendo assim, a melhor conduta a ser seguida é aquela que trará maior benefício ao paciente de acordo com as suas características individuais (FLÔR; CARDOSO, 2008).

4 CONCLUSÃO

A literatura ressalta a importância da participação conjunta dos profissionais da saúde e da educação juntamente com a família no tratamento da criança com paralisia cerebral, de forma a possibilitar sua inclusão social, ressaltando o âmbito escolar. No entanto, a maioria dos estudos aponta carência na formação específica dos profissionais da educação, quanto à utilização de meios alternativos que possibilitem a inclusão dos alunos com necessidades especiais, representando um significativo obstáculo na inclusão escolar e social. Além disso, há escassez de estudos que abranjam a forma de participação familiar no processo de tratamento. Com isso, sugere-se a realização de novos estudos que avaliem efetivamente a participação e envolvimento de familiares/cuidadores no tratamento de crianças com paralisia cerebral, assim como, sua inclusão escolar.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Grazielle Carolina de, et al. Barreiras e facilitadores no processo de inclusão de crianças com paralisia cerebral em escolas de ensino regular. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, Mai/Ago 2011, v. 19, n.2, p. 203-213.

ALPINO, A. M. S. et al. Orientações de fisioterapia à mães de adolescentes com paralisia cerebral: abordagem educativa para o cuidar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 19, n. 4, p. 597-610, 2013.

BORTAGARAI, F.; RAMOS, A. P. A comunicação suplementar e/ou alternativa na sessão de fisioterapia. **Rev. CEFAC**, v. 15, n. 3, p. 561-571, 2013.

BRASILEIRO, I. C. *et al.* Avaliação e participação de crianças com Paralisia Cerebral conforme a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 62, n. 4, p. 503-511, 2009. (BRASILEIRO, 2009).

BUSSOTTI, E. A.; PEDREIRA, M. L. G. Dor em crianças com paralisia cerebral e implicações na prática e pesquisa em enfermagem: revisão integrativa. **Rev. Dor. São Paulo**, v. 14, n. 2, p. 142-146, 2013.

CARDOSO, P. T. **Inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais**: práticas e perspectivas de terapeutas ocupacionais, 2009. Dissertação de Mestrado em Educação Especial Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Programa de Pós-Graduação em Educação Especial.

CARNEVALE, L. B. et. al. Comunicação Alternativa no contexto educacional: conhecimento de professores. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 19, n. 2, p. 243-256, 2013.

COSTA, S. S. A. Informação, paralisia cerebral e solidariedade em rede: as experiências materna em perspectiva. **Perspect. Ciênc. Inf.**, v. 15, n. 1, p. 316-317, 2010. (COSTA, 2010).

DANTAS, M. S. A. et al. Impacto do diagnóstico de paralisia cerebral para a família. **Texto contexto – enferm.**, v. 19, n.2, p. 229-237, 2010.

DANTAS, M. S. A. et al. Facilidades e dificuldades da família no cuidado à criança com paralisia cerebral. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 33, n. 3, p. 73-80, 2012.

FLÔR, J. S.; CARDOSO, Morgana. **Medida da funcionalidade em adultos com paralisia cerebral**. Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção do título de graduação em Fisioterapia pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão/SC, 2008.

GIL, Marta. **Educação inclusiva**: o que o professor tem a ver com isso?. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Ashoka. Brasil, 2005.

GONÇALVES, A. G.; BRACCIALLI, L. M. P.; CARVALHO, S. M. R. Desempenho motor de aluno com paralisia cerebral discinética frente à adaptação das propriedades físicas de recurso pedagógico. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 19, n. 2, p. 257-272, 2013.

GUERZONI, V. P. D. *et al.* Análise das intervenções de terapia ocupacional no desempenho das atividades de vida diária em crianças com paralisia cerebral: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Brasileira de Saúde Materna e Infantil**, v.8, n.1, p. 17-25, 2008.

IDE, M. G.; YAMAMOTO, B. T.; SILVA, C. C. B. Identificando possibilidades de atuação da Terapia Ocupacional na inclusão escolar. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 19, n. 3, p. 323-332, 2011.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

JURDI, Andrea PerosaSairgh. **O processo de inclusão escolar do aluno com deficiência mental: a atuação do terapeuta ocupacional**, 2004. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia.

MILBRATH, V. M. et al. Família da criança com paralisia cerebral: percepção sobre as orientações da equipe de saúde. **Texto Contexto Enferm.**, v. 21, n. 4, p. 921-928, 2012.

OLIVEIRA, A. I. A.; ASSIS, G. J. A.; GAROTTI M. F. Tecnologias no ensino de crianças com paralisia cerebral. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 20, n.1, p. 85-102, 2014.

PASCULLI, A. G.; BALEOTTI, L. R.; OMOTE, S. Interação de um aluno com Paralisia Cerebral com colegas de classe durante atividades lúdicas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 18, n. 4, p. 587-600, 2012. (PASCULLI; BALEOTTI; OMOTE, 2012).

REZIO, G. S.; CUNHA J. O. V.; FORMIGA C. K. M. R. Estudo da independência funcional, motricidade e inserção escolar de crianças com paralisia cerebral. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 18, n. 4, p. 601-614, 2012.

RIBEIRO, M. F. M.; BARBOSA, M. A.; PORTO, C. C. Paralisia cerebral e síndrome de Down: nível de conhecimento e informação dos pais. **Ciênc. Saúde coletiva**, v. 16, n. 4, p. 2099-2106, 2011.

ROCHA, A. N. D. C.; DELIBERATO, D. Tecnologia assistiva para a criança com paralisia cerebral na escola: identificação das necessidades. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 18, n. 1, p. 71-92, 2012. (ROCHA; DELIBERATO, 2012).

ROTTA, N. T. Paralisia cerebral, novas perspectivas terapêuticas. **J Pediatr**, p. 48-54, 2002. (ROTTA, 2002).

SAMESHIMA, F. S.; DELIBERATO, D. Habilidades expressivas de um grupo de alunos

com paralisia cerebral na atividade de jogo. **Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol.**, v. 14, n. 2, p. 219-224, 2009.

SCHIRMER, C.R. et al. **Atendimento Educacional Especializado: Deficiência Física**. SEESP / SEED / MEC. Brasília/DF, 2007.

SILVA, D. B. R.; MARTINEZ, C. M. R.; SANTOS J. L. F. Participação de crianças com paralisia cerebral nos ambientes da escola. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 18, n. 1, p. 33-52, 2012.

SILVA, R. L. M. *et al.* Efeitos da comunicação alternativa na interação professor-aluno com paralisia cerebral não-falante. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 19, n. 1, p. 25-42, 2013.

TORRES, A. K. V. et al. Acessibilidade organizacional de crianças com paralisia cerebral à reabilitação motora na cidade do Recife. **Revista Brasileira de Saúde Materna e Infantil**, v. 11, n. 4, p. 427-436, 2011.

VIEIRA, L. I. G. **Uma porta aberta para o mundo e para a sociedade – A inclusão de uma jovem com paralisia cerebral em contexto escolar**, 2009. Dissertação de Mestrado em Educação especial – Domínio cognitivo e motor. Universidade Lusófona de Humanidades Tecnologias - Instituto de Ciências da Educação.